

## 5. O discurso de Vyacheslav Molotov de 1955, “A situação internacional e a política exterior do governo da URSS”: uma lembrança da vitória soviética na Grande Guerra Patriótica

*Fred Leite Siqueira Campos*

*Beatriz Marcondes de Azevedo*

*Fábio Moreira de Oliveira*

*Ferdi Steinbach*

*Pedro Henrique Dadalt de Queiroz*

### *Introdução*

Em 2025, comemorar-se-ão os 80 anos da vitória do exército soviético contra a Alemanha Nazista. Essa data, certamente, deve ser lembrada para sempre junto aos anais da história da humanidade, representando a grande vitória do povo soviético sobre a barbárie hitlerista. Para lembrarmos esse período, este capítulo será alicerçado no discurso, de 1955, de Vyacheslav Molotov, intitulado: “A situação internacional e a política exterior do governo da URSS”. Em termos estruturais, os comentários críticos aqui tecidos serão organizados em três seções: um resumo da vida de Molotov; a apresentação do discurso (em si); e uma “apreciação” final de seu conteúdo, relacionando-o aos tempos atuais.

## *Quem foi Vyacheslav Molotov e qual foi sua contribuição histórica para a vitória soviética na Grande Guerra Patriótica?*<sup>1</sup>

Vyacheslav Mikhailovich Scriabin, mais conhecido como Molotov, nasceu em Kukarka, em 9 de março de 1890. Desde a juventude, mais especificamente em 1905, iniciou um aprofundado estudo sobre questões sociais e integrou grupos de estudo revolucionários marxistas de caráter ilegal. Em 1906, ingressou na seção bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo, plenamente ciente de que sua participação poderia resultar em prisão, exílio ou até mesmo colocar sua vida em risco. Posteriormente, conforme apontam relatórios da polícia secreta czarista, assumiu a responsabilidade por articulações da organização revolucionária juvenil na cidade de Kazan.

Em 1909, após ser aprovado em uma universidade, Molotov foi preso e condenado a dois anos de exílio na província de Vologda. O primeiro-ministro russo da época, Pyotr Stolypin, deixou claro que o principal objetivo da prisão era tentar reformar o pensamento “errado” que se desenvolvia com base nos estudos das obras de Marx, Engels e Lênin. Essa intenção se torna evidente na declaração feita por Stolypin aos pais dos jovens presos, que solicitavam a libertação dos filhos:

*Se fossem trabalhadores, eu os teria deixado ir para o exterior, pois, é inútil tentar reformar trabalhadores. Nós simplesmente temos que nos livrar de trabalhadores inúteis. Mas, como são estudantes, membros da intelligentsia, o exílio, o calmo Norte, o ar puro, etc., podem curá-los, e eles, ainda, podem ser úteis ao Estado. (Coates & Coates, 1941, p. 7)*

Mesmo exilado, Scriabin deu continuidade aos estudos, com o objetivo de aprofundar sua compreensão dos ideais bolcheviques. Como aluno extremamente dedicado, insistiu para que pudesse realizar seus exames em 1910. Obteve a permissão necessária, foi aprovado e permaneceu no exílio até 1911.

---

1 A condução desta primeira parte se dá a partir do esboço bibliográfico Coates & Coates, 1941.

Ainda durante o exílio, Molotov mantinha contato secreto com trabalhadores ferroviários, demonstrando profundo conhecimento e esclarecendo questões relacionadas ao que viria a ser conhecido como Marxismo-Leninismo, além de abordar as contradições presentes na Rússia daquele período. Paralelamente, engajava-se em intensas “disputas ideológicas” com anarquistas, mencheviques e outras facções políticas. Graças à sua didática exemplar e dedicação incansável, moradores de Vologda frequentemente afirmavam que os esforços de Molotov foram essenciais para que a cidade mantivesse uma posição revolucionária firme em 1917.

Ao término de seu exílio, Molotov se mudou para São Petersburgo, onde ingressou na Escola Politécnica. Na instituição, a presença revolucionária do “exilado Scriabin” tornou-se evidente, destacando-se como um grande líder à frente de greves, discursos e outras atividades políticas. Além disso, desempenhou um papel crucial na agitação e na propaganda entre os trabalhadores da cidade.

Entre 1912 e 1915, Molotov desempenhou um papel central na organização e na expansão da imprensa bolchevique, contribuindo ativamente para os jornais *Zvezda* e *Pravda*. Destacou-se por sua habilidade em mobilizar trabalhadores para a produção e distribuição dos periódicos, além de organizar correspondentes operários que enriqueciam as publicações com cartas e artigos. Como Secretário-Geral do comitê editorial do *Pravda*, fundado em maio de 1912, Molotov utilizou pseudônimos como “Mikhailov” e “Zvanov” para assinar seus artigos. Durante esse período, colaborou com Lênin, que estava no exílio, e fortaleceu sua relação com Stalin.

Mesmo após sua prisão, em 1913, e a proibição de residir em São Petersburgo, Molotov deu continuidade ao seu trabalho revolucionário em cidades vizinhas, contribuindo para o *Pravda* e promovendo a propaganda bolchevique. Apesar de novas detenções, manteve suas atividades clandestinas até 1915, consolidando sua posição no movimento revolucionário.

Enviado para Moscou pela filial do partido em Petrogrado, Molotov manteve sua atuação no movimento operário, ampliando o sentimento revolucionário na cidade por meio de suas ações, fato confirmado inclusive pela polícia secreta czarista. Em 1915, desempenhou um papel crucial na organização da importante conferência do partido em Moscou. No verão de 1915, Molotov foi

novamente preso e exilado, desta vez na região de Irkutsk. Apesar das adversidades de viver em aldeias da Sibéria, deu continuidade aos estudos, encarando a situação como uma oportunidade de “enriquecer sua mente”.

No entanto, em 1916, Vyacheslav conseguiu escapar de sua prisão e ocultar seus rastros, chegando a Petrogrado, onde deu continuidade às suas atividades no partido. Entre 1914 e 1917, com Lênin no exílio e líderes como Stalin e Sverdlov afastados, Molotov desempenhou um papel central na estrutura bolchevique na Rússia, implementando a linha política antiguerra e socialista revolucionária defendida por Lênin e pelo partido.

Após a revolução de março de 1917, Molotov assumiu posições de destaque no Comitê Bolchevique de Petrogrado, no Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado e no Soviete de Deputados dos Trabalhadores e Soldados. Liderou iniciativas importantes, como a eleição de deputados pelos soldados e a formação de Sovietes locais, fortalecendo o apoio militar à revolução. Como membro do Comitê Militar Revolucionário, ao lado de Stalin e Dzerzhinsky, Molotov desempenhou um papel essencial na preparação, na realização e na consolidação da revolução de novembro de 1917. Organizou as Guardas Vermelhas entre os trabalhadores e liderou campanhas de propaganda, contribuindo significativamente para o sucesso da revolução.

Enfatiza-se ainda que, durante a Guerra Civil, Molotov ocupou importantes posições, destacando-se principalmente na organização do Exército Vermelho. No início de 1918, ele assumiu pela primeira vez uma posição econômica: Presidente do Conselho de Economia Nacional do Distrito Norte. Apesar de sua pouca experiência na área, tinha uma compreensão sólida dos fundamentos do socialismo, que passariam a moldar a sociedade russa pós-1917. Em 1919, Molotov ocupou cargos importantes dentro dos grupos bolcheviques, ao lado de nomes como Krupskaya, com quem fez uma viagem ao Volga. O objetivo da viagem era entender as necessidades dos operários e camponeses, com a intenção de proporcionar melhores condições de vida a eles.

No início da década de 1920, Molotov assumiu a liderança do Comitê Executivo Provincial de Nizhny-Novgorod, dedicando-se à reconstrução econômica da região devastada pela Guerra Civil. Mobilizou trabalhadores voluntários, inspirando-os a contribuir com o esforço coletivo para a construção do socialismo. Sua liderança também incentivou o trabalho voluntário

durante os feriados para acelerar a recuperação econômica. Posteriormente, Molotov participou da mecanização da região de Donetsk e, no final de 1920, foi eleito Secretário do Partido Comunista da Ucrânia, consolidando seu papel no desenvolvimento soviético.

Em 1921, foi eleito membro e Secretário do Comitê Central do Partido Comunista, cargo que ocupou até 1930. Além de seu expressivo destaque no partido com o secretariado, assumiu diversas outras funções e nomeações durante esse período. Sua importância era notável, estando presente não apenas para garantir uma boa gestão interna do partido e resolver dificuldades organizacionais, mas também para enfrentar as dificuldades externas, com elementos antirrevolucionários ainda presentes no seio do povo soviético.

Em 1930, foi eleito Presidente do Conselho de Comissários do Povo, participando ativamente dos planos quinquenais, que tinham como objetivo superar o atraso produtivo e distributivo resultante das posições semifeudais e semicoloniais anteriores das nações soviéticas. Sua ascensão dentro do partido foi fruto de seu grande trabalho. Molotov investigava problemas localmente, identificava falhas como sabotagem ou ineficiência e implementava soluções claras, treinando líderes e ampliando a compreensão política sobre as necessidades prementes da sociedade soviética.

Rigorous, combatia a burocracia, exigia precisão e acompanhamento e inspirava um trabalho eficiente por parte de seus correligionários. Seu grande apreço pela educação soviética era notório. Molotov defendia que a construção de uma nova cultura socialista não exigia a rejeição das conquistas culturais do passado, mas, sim, sua valorização e integração. Ele argumentava que o verdadeiro progresso, fundamentado no socialismo, deveria se basear nas realizações históricas de todas as nações, reconhecendo o valor das heranças culturais como parte essencial para o desenvolvimento futuro. Ao destacar o vínculo dos bolcheviques com o povo, Molotov sublinhou que a cultura socialista não apenas preserva, mas revela o significado profundo da história e das conquistas dos povos, promovendo um futuro glorioso e universal.

Em 1939, ainda no cargo de Presidente do Conselho, Molotov foi também nomeado Comissário do Povo para Assuntos Exteriores, permanecendo fiel aos seus princípios bolcheviques. Foi também em 1939 que a ameaça nazifascista se aproximou da União Soviética, com o claro discurso de limpeza étnica

dos “comunistas”. Tornou-se necessária, então, uma meticulosa articulação para poupar vidas e idealizar táticas de guerra para o inevitável confronto que se avizinhava, além de fortalecer a indústria bélica do país. Foi em 1939, aliás, sob a chefia de Molotov no cargo de Comissário para Assuntos Exteriores da URSS, que foi assinado o Pacto de Não Agressão Ribbentrop-Molotov.

É a partir desse momento que se inicia, na concepção europeia, a Segunda Guerra Mundial. Contudo, os pactos de não agressão entre países eram comuns nesse período. Eles ocorreram tanto no período pré-guerra quanto durante a guerra. A necessidade desse acordo no caso soviético surgiu devido à relação antagônica entre o fascismo e o comunismo. Desde o início, os movimentos fascistas deixavam claro seu objetivo de destruir os movimentos comunistas. Com a ascensão da extrema-direita, por sua vez, os comunistas defendiam que a derrota do fascismo, por meio de uma frente ampla da esquerda, era uma necessidade imprescindível.

Ao mesmo tempo, a tentativa fracassada da URSS de usar a Liga das Nações para combater a ameaça fascista, com a “neutralidade” das potências liberais na Guerra Civil Espanhola, evidenciava a aproximação entre as democracias ocidentais e o nazifascismo alemão. Mais tarde, quando a Alemanha expandia suas fronteiras para o leste, também era visível a falta de ação das potências ocidentais para tentar ajudar os povos e as nações invadidas, com exceção da neutralidade mantida pela União Soviética. No entanto, tudo isso não foi por acaso. Com conversas, estratégias e tratados, era evidente que o objetivo de países como Inglaterra e França era canalizar o expansionismo nazista rumo a Moscou. Constantes tentativas por parte do governo de Stalin para formar alianças com potências europeias foram recusadas ou ignoradas, tornando ainda mais necessária uma ação por parte da União Soviética a fim de se proteger da ameaça iminente.

Antes da invasão alemã à Polônia, a URSS viu a necessidade de formação de um exército multinacional que barrasse a expansão germânica. No entanto, documentações públicas provam que não houve sequer resposta de Paris e de Londres a respeito dessa proposta soviética. Hitler, no entanto, tinha receio de que, caso invadisse a Polônia, sofresse retaliações tanto por parte da URSS quanto da Inglaterra e da França e começou, então, a enviar oficiais para sondar um tratado com o governo de Moscou. Com o descaso dos governos de

Paris e Londres, Moscou iniciou, então, negociações com Berlim. O acordo, por parte da URSS, previa o domínio sobre alguns territórios a oeste para criar um cinturão de proteção contra a (já esperada) traição do tratado por parte da Alemanha. Hitler queria domínio, Stalin queria tempo e espaço, pois já previa que a guerra entre os países era inevitável e seria o maior conflito de todos os tempos. Assim, o papel de Molotov ao assinar o tratado foi fundamental para que a União Soviética tivesse a capacidade militar e as estratégias necessárias para triunfar sobre o nazifascismo (Opera Mundi, 2024).

Nos discursos de Molotov de 1939, já mencionava a (deturpada) visão de que haveria uma aproximação ideológica entre a Alemanha e a URSS, algo que seria criticado pelas potências imperialistas. Molotov argumentava que essas potências já haviam feito pactos de não agressão entre si e questionava por que a União Soviética não poderia ter o mesmo direito. Durante uma série de discursos feitos até o rompimento do pacto pela Alemanha, Molotov deixou claro que não se visava cooperar com os nazistas na guerra. Também foi evidenciado o falso interesse na paz por parte das potências imperialistas ocidentais. Além disso, Molotov defendia que a França estava indiretamente contribuindo com movimentos antissoviéticos, como no caso do armamento de grupos antissoviéticos na Finlândia e na própria França.

No mais, Molotov deixava claro, em suas falas, o oportunismo das demais potências europeias e as agressões cometidas por estas durante a guerra contra a União Soviética, assim como seu desprezo pelo projeto socialista iniciado após a Revolução de 1917. Molotov enfatizou também, em 1940, a cooperação do povo soviético com povos de outros países para libertá-los da opressão e prestar ajuda militar durante a Segunda Guerra. Ele denunciou as tentativas diplomáticas frustradas de cooperação com o povo da Finlândia, por culpa da burguesia dirigente, e a sabotagem estrangeira (Molotov, 1940).

Em 1941, após a Alemanha romper o tratado de não agressão e declarar guerra à URSS, Molotov foi a público e expôs a situação conforme a enxergava. A justificativa alemã para o ataque era de que havia uma grande concentração do Exército Vermelho nas fronteiras orientais da Alemanha. A União Soviética não havia descumprido o tratado, mas agora tinha a possibilidade de reagir. Nas palavras de Molotov:

*Esta não é a primeira vez que nosso povo teve de enfrentar o ataque de um inimigo arrogante. Na época da invasão de Napoleão à Rússia, a resposta de nosso povo foi a guerra pela pátria, e Napoleão sofreu a derrota e encontrou seu destino. Será o mesmo com Hitler, que, em sua arrogância, proclamou uma nova cruzada contra nosso país. O Exército Vermelho e todo o nosso povo travarão novamente a guerra vitoriosa pela pátria, por nosso país, pela honra, pela liberdade. (Molotov, 2008, p. 5)*

De 1942 em diante, Molotov levava ao povo informações sobre as atrocidades cometidas pela Alemanha hitlerista na Grande Guerra Patriótica (Molotov, 1942). Ele também explicava questões geopolíticas em seus discursos e reuniões, tendo, inclusive, uma participação fundamental na Conferência de Moscou de 1943 (Watson, 1996). Molotov firmou acordos de ajuda mútua com o Reino Unido e com os Estados Unidos, participando, também, das conferências dos aliados em Teerã (1943), Yalta (1945) e Potsdam (1945) (Wilson Center Digital Archive, 2025).

Após sua participação fundamental para a vitória soviética, Molotov fez profundas análises sobre como o conflito traria consequências para a política mundial, tecendo seus argumentos a partir da análise de classes e do imperialismo capitalista. Entretanto, com a morte de Stalin, em 1953, e o processo de desestalinização do partido iniciado por Nikita Krushev, Molotov foi destituído de seu cargo em 1957 e nomeado Embaixador da Mongólia. Entre 1960 e 1962, foi Embaixador da Comissão Internacional de Energia Atômica e, mesmo após todo o seu trabalho e relevância, acabou sendo expulso do partido, sendo readmitido somente em 1984. Em seus últimos momentos de vida, Molotov gostava de conversar sobre críticas às gestões da URSS e sobre os princípios do socialismo.

Como ser humano “fora da política”, Molotov era apaixonado por esportes, literatura, música e arte, sendo um bom violinista. Gostava de cinema, teatro, ópera e concertos, e seu autor russo favorito era Gorki. Ele adorava crianças, que o adoravam em retorno, e frequentemente visitava o acampamento de férias “Artek”. Molotov também recebia grupos de infantes em sua *datcha*, onde se divertia com elas, cantava, jogava e ouvia suas histórias

e seus sonhos. Nascido sob o governo do czar Alexandre III, Vyacheslav Mikhailovich Scriabin Molotov faleceu um dia após o 69º aniversário da Revolução Russa, durante o governo de Gorbachev.

Em seu funeral, foi dito que era a despedida do “último companheiro de armas de Lênin” (Chuev, 1973).

### *“A situação internacional e a política exterior do governo da URSS”: discurso de Molotov (Molotov, 1955)*

Ao exercer seu papel como Comissário do Povo das Relações Exteriores, Molotov fez profundas análises sobre o legado deixado pela Grande Guerra Patriótica para a geopolítica mundial. O discurso de Vyacheslav Molotov proferido no dia 8 de fevereiro de 1955 divide-se em cinco partes principais e se inicia lembrando que se passaram dez anos desde o final da Segunda Guerra Mundial. Ele destaca que, após a vitoriosa revolução de outubro de 1917, a União Soviética atravessou um período de aproximadamente 25 anos cercada por nações e políticas capitalistas hostis. Vamos agora analisar em mais detalhes cada uma das partes desse discurso.

#### **1) As modificações na situação mundial**

O resultado da Primeira Guerra Mundial foi o estabelecimento da URSS, e a consequência mais importante da Segunda Guerra Mundial foi a formação de uma comunidade de países socialistas, em paralelo à comunidade capitalista. Essa vitória da democracia, nas palavras de Molotov, ocorreu após a derrota do fascismo, que só foi possível devido à contribuição da URSS, por meio do heroísmo de seu povo e do Exército Vermelho. Assim, após a vitória na Grande Guerra Patriótica, outras revoluções de caráter socialista ocorreram em vários países ao redor do mundo, fruto da união, do desejo e da ação de todas as forças trabalhadoras de cada uma dessas nações. Essa comunidade socialista acabou removendo a URSS de seu isolamento internacional, derrotando o capitalismo exploratório em uma frente mundial ampla, na Europa,

na Ásia, mas com reflexos também na África e nas Américas, ainda que de maneira mais fraca nesses dois últimos cenários.

Nessa direção, era incentivado que esse novo bloco possuísse amplo apoio e ajuda mútua, para conseguir se desenvolver de maneira coletiva e barrar as sanções, os boicotes e as sabotagens dos países imperialistas, que mandavam e desmandavam no mundo capitalista. Como destaque, Molotov menciona a África, que, à altura da confecção de seu discurso de 1955, ainda era explorada colonialmente por nações europeias. A questão africana é um dos pontos brilhantes do discurso de Molotov, pois mantém-se atual, mesmo após a queda do sistema colonialista formal em meados dos anos 1960 e 1970.

Molotov, ademais, encerra a primeira parte de seu discurso lembrando que o grande capital ainda busca regredir os países socialistas ao capitalismo exploratório e destaca que uma das vozes mais enfáticas nesse sentido é a do Primeiro-Ministro inglês da época, Winston Churchill. Molotov conclama os revolucionários a não manterem esperanças sobre as agruras que os aguardam na luta constante contra o grande capital, e que eles não devem esperar “carinhos nem simpatias” dos imperialistas. Ele lembra ainda que essa política de confrontação que o grande capital apresenta às nações socialistas não pode significar outra coisa senão a preparação para uma nova conflagração mundial.

## 2) Duas orientações na política internacional

Na segunda parte de seu discurso, Molotov destaca as duas orientações gerais da geopolítica de seu tempo: enquanto a URSS atuava mundialmente em favor da paz e da harmonia entre as nações, os Estados Unidos orientavam sua política externa em termos de força e intimidação. Essa é mais uma parte do discurso em que Molotov é previdente, pois mesmo hoje pode-se perceber o mesmo *modus operandi* norte-americano em ação. Molotov destaca, para além de qualquer dúvida, que o campo de atuação da política exterior da União Soviética é o campo da paz.

Como já havia destacado na primeira parte do discurso, o embate do imperialismo capitalista com a comunidade socialista mundial deve resultar em um novo conflito armado de grandes dimensões, destacando ao mesmo tempo

que “nada afeta tanto os destinos de um povo, nada causa tantas dores e sofrimentos como a guerra” (Molotov, 1955, p. 10). Molotov indicou que a União Soviética considerava como sua principal tarefa no cenário mundial consolidar a paz e contribuir para o relaxamento das tensões internacionais. Nesse sentido, Molotov destaca a política norte-americana de construir alianças militares agressivas por todo o mundo, disfarçadas de grupos de defesa mútua.

Molotov segue em sua explicação sobre as duas orientações de política internacional, ao mencionar as propostas soviéticas de acordos com os Estados Unidos, a França e a Inglaterra contra a remilitarização da Alemanha (um desejo do próprio povo alemão, que vivia o luto e as consequências de duas grandes guerras inter-imperialistas) e a proposta de uma convenção mundial para a redução dos armamentos. Mas ele destaca, após uma análise cuidadosa dos pontos de convergência e divergência na discussão dessa proposta, que os países capitalistas mais agressivos estão sempre, de maneira copiosa, opondo-se às iniciativas soviéticas de reduzir as tensões internacionais.

Na Indochina, por exemplo, havia um significativo processo agressivo dos países imperialistas contra os povos laocianos, cambojanos e vietnamitas. Com uma postura voltada para denunciar as tentativas imperialistas de abalar a paz, o assunto foi abordado na Conferência de Genebra. Molotov dá, então, os créditos dessa conquista ao povo e aos dirigentes do Vietnã, mas denuncia a posição tomada pelos Estados Unidos. O governo ianque chegou a realizar sua própria conferência em Manila para a “defesa coletiva do sudeste asiático”, que era outro nome para a continuidade da política de agressão norte-americana.

Outro exemplo destacado por Molotov é o caso da ilha de Taiwan. Segundo o autor, a soberania chinesa sobre a ilha de Taiwan (e outras ilhas menores) foi estabelecida ainda em 1945, como resultado das declarações de Cairo (1943) e de Potsdam (1945). Contudo, mesmo sendo signatários dessas declarações, os Estados Unidos utilizam seu poder militar para manter um constante clima de hostilidade entre as populações da China continental e, em particular, de Taiwan, onde começaram a apoiar a dissidência de Chiang Kai-Shek com dinheiro e armas contra o governo chinês continental.<sup>2</sup>

---

2 Atitudes que conduzem até hoje, ainda que “oficialmente” não reconheçam Taiwan como Estado independente.

Mais uma vez é possível observar como, a exemplo do ditado popular “o mundo mudou muito para permanecer do mesmo jeito” (Molotov, 1955, p. 11), as tensões entre a China continental e a ilha de Taiwan continuam grandes, e a todo momento tem-se a sensação de que uma guerra é iminente entre os exércitos da República Popular da China e da ilha rebelde. Naquele longínquo ano de 1955, Molotov deixava claro em seu discurso que a posição soviética era a de soberania chinesa sobre sua província de Taiwan e de que as ameaças norte-americanas de conflito em torno dessa questão deveriam ser condenadas pela Organização das Nações Unidas, se esta realmente pretendesse ser respeitada mundialmente.

Mais adiante, Molotov volta a destacar que os esforços de remilitarização da Alemanha, empreendidos pelas potências imperialistas ocidentais após 1945, iam contra os acordos de pós-guerra estabelecidos pela União Soviética, Estados Unidos, França e Inglaterra. A função da mídia propagandista dos grandes jornais burgueses e das emissoras de televisão à época foi a de aumentar o pânico geral, estabelecendo as necessidades irrealis de manutenção da militarização e da política de agressão ocidental frente ao bloco socialista.

### **3) A luta da União Soviética pela paz, por garantir a segurança coletiva**

Na terceira parte de seu discurso, Molotov apresenta as ameaças e as garantias à paz mundial segundo a visão soviética de 1955. O texto começa destacando as propostas de Moscou de estabelecimento de uma estrutura de segurança europeia que envolvia todas as nações do continente, independentemente de suas constituições políticas e sociais. Entretanto, o autor observa a resistência dos países capitalistas, que afirmam que dispositivos de segurança podem ser implementados apenas entre os membros capitalistas da Europa, participantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Por sua vez, a URSS propõe uma estrutura ampla, que não opusesse os países entre si em função de seus sistemas econômicos e de governo. Assim, diante das ameaças militares de organizações de segurança de nações capitalistas, a sociedade de países socialistas não intentava ficar de braços cruzados. Ainda que não pretendam formar alianças militares, planejam organizar em conjunto suas

tropas no caso de uma eventual agressão contra algum país da comunidade democrática. Destaca-se a Alemanha Ocidental já militarizada, seguindo a direção de ingressar na Otan. Na época do discurso, Molotov ressaltava que alguns acordos nessa área já estavam sendo costurados.

Durante grande parte desse capítulo do discurso, Molotov empenhava-se em destacar o então estado de negociações e as relações amigáveis da URSS com vários países vizinhos, como Irã, Afeganistão, Japão e Índia. O autor também destacava o esforço contínuo da classe política dos Estados Unidos para legislar regras que dificultassem o comércio da URSS com nações capitalistas sobre as quais os Estados Unidos exercem influência, como Chile, Dinamarca e Itália, entre outras. Entretanto, Molotov sublinhava que tais esforços revelam-se infrutíferos, pois o comércio da URSS com as nações capitalistas ocidentais estava indo muito bem. Vale ressaltar que, até os dias atuais, no contexto do conflito na Ucrânia, os Estados Unidos continuam a aplicar o mesmo expediente de pressões econômicas diretas sobre Moscou e seus aliados, além de tentarem pressionar, de maneira indireta, os países do Ocidente a não negociarem nem comercializarem com a Rússia. Assim, pode-se concluir que, embora os tempos passem e os governos mudem, a vontade norte-americana de derrotar o povo russo permanece renovada.

Molotov conclui essa seção destacando a disposição soviética de realizar comércio com todas as nações do mundo, independentemente de suas orientações políticas e sociais. Ele afirmava que essa cooperação entre os sistemas socialista e capitalista representava o que de melhor poderia ser desejado no cenário global daquela época, enfatizando o desejo da URSS de promover uma relação pacífica e mutuamente benéfica com todos os países, sem discriminação ideológica.

#### **4) A política agressiva dos Estados Unidos da América constitui ameaça para a paz**

Na quarta parte do discurso, Vyacheslav Molotov aprofundou sua análise sobre as políticas agressivas dos Estados Unidos e de seus aliados na Otan. Inicialmente, ele observou que, além das discriminações econômicas, os

imperialistas associam uma série de iniciativas militares de intimidação, investindo substancialmente em uma corrida armamentista e na instalação de bases militares ao redor do mundo, com o intuito de cercar a União Soviética e a China, bem como outros países de orientação socialista. Molotov, contudo, alertou para o perigo iminente da corrida armamentista iniciada pelos países imperialistas, um fenômeno que não poderia ser subestimado.

Neste trecho, Molotov não apenas oferece uma visão abrangente sobre os problemas mais prementes da geopolítica de sua época, mas também demonstra um profundo senso de observação ao identificar questões que perdurariam nas relações internacionais, muitas das quais continuam a se manifestar até os dias atuais. Nesse contexto, destaca-se a criação da Otan, que na época era composta por catorze países. Atualmente, a aliança já inclui mais de trinta nações e, embora a razão original de sua constituição tenha sido superada, continua a se expandir, cercando a atual Federação Russa e a China. Essas iniciativas agressivas são sustentadas pela constante renovação de uma política de medo, direcionada às populações dos países membros da Otan. Tal política de medo justifica para os cidadãos norte-americanos e europeus a possível perda das liberdades individuais e o financiamento de aventuras militares ao redor do mundo, como tem sido observado desde os anos de Molotov.

Entretanto, o autor destaca que o comportamento agressivo por parte dos países imperialistas foi, e continua sendo, motivo de considerável controvérsia entre as populações locais: “aos que nutrem receios, os operadores do grande capital apresentam narrativas amedrontadoras sobre uma suposta ameaça iminente da União Soviética (ou da atual Federação Russa)” (Molotov, 1955, p. 15). Molotov denunciou o desencadeamento da Guerra da Coreia como orquestrado pelo governo de Washington, atribuindo à própria derrota dos democratas nas eleições desse período o reflexo de uma saturação popular em relação a essas aventuras militares.

O autor ainda destaca que, em sua época, a URSS foi capaz de fazer frente a esse comportamento intimidador. Ele salienta, em particular, o desenvolvimento da tecnologia nuclear por parte da União Soviética, e pode-se perceber, com um mínimo de observação, o quanto esse desenvolvimento foi crucial para a URSS.

### 5) Nossa tarefa principal: fortalecer a paz

Finalmente, na quinta e última parte do discurso, Molotov apontou uma profunda diferença nas mentalidades da URSS e de seus algozes, destacando que a União Soviética assumiu, como um ator internacional de grande relevância, a missão de lutar pela paz e pela coexistência pacífica entre os povos. O autor ressalta que, considerando-se apenas a questão das armas nucleares, a URSS propôs aos Estados Unidos a eliminação desses artefatos e a delimitação da energia nuclear exclusivamente para fins pacíficos. Contudo, como sabemos hoje, tais propostas não foram aceitas (e, mesmo que o tivessem sido, deveria haver desconfiança quanto às reais intenções), e o holocausto nuclear continua a ser uma constante nas notícias ao redor do mundo. Por outro lado, o governo soviético reitera que os Estados Unidos e quaisquer agressores devem estar cientes de que a URSS possui a capacidade de defender sua terra, seu povo e suas conquistas.

Molotov conclui seu discurso perguntando: “Mas, afinal de contas, o que propõe a URSS?”. Ele destaca que a resposta deve ser encontrada nos ensinamentos de Lênin, que defendia a coexistência pacífica entre os diversos sistemas políticos do mundo. Apenas essa coexistência pacífica poderá conduzir o mundo ao desenvolvimento, enquanto a imposição de ideias baseada na força só pode levar a uma nova guerra mundial.

### *Considerações finais: alusão à memória da Grande Guerra Patriótica e o papel atual da Rússia no mundo*

Ao concluir este capítulo, é possível refletir sobre a atualidade das palavras de Molotov. Passaram-se setenta anos desde seu discurso de 1955. A URSS já não existe mais, novos países surgiram, e alguns desapareceram. Os sistemas de governo de várias nações mudaram, alterações estas impulsionadas em parte por desejos populares genuínos e, em parte, por interesses de outras nações mais poderosas. No entanto, é possível observar que as mesmas problemáticas do período da Guerra Fria persistem na política internacional. Se nos anos 1950 falava-se sobre a pressão norte-americana sobre a União Soviética e seu povo, hoje se observa uma pressão ainda maior sobre a Federação Russa.

Mesmo com o fim da União Soviética e do Pacto de Varsóvia, que podem ser considerados o *casus belli* para a criação da Otan, a organização continua existindo. E, como se isso não fosse suficiente, a presença das bases da Otan nas fronteiras da Federação Russa permanece intensa, de forma semelhante à descrição de Molotov há quase um século. No entanto, se o fim do sistema socialista na URSS não resultou no término da “inimizade” entre os países liderados pelos Estados Unidos e a Federação Russa, quais seriam as razões para isso? Talvez a resposta resida nas vastas riquezas naturais desse imenso país ou até mesmo em um sentimento revanchista, de tentar derrotar um povo que, mesmo estando em uma área ampla e de difícil defesa, sempre soube sobreviver e se reinventar diante de ataques de potências estrangeiras.

É claro que as respostas a essa pergunta não são triviais, mas, para nos atermos ao discurso de Molotov, é inegável a genialidade do político soviético ao descrever a situação geopolítica mundial de maneira tão visionária e abrangente.

De forma complementar, é para nós, demais povos do mundo, uma grande lição de resiliência e de fé que nos ofereceu esse povo extraordinário, o povo russo! A Rússia, aliás, que ao longo de toda a sua história atuou sempre como o fiel da balança entre a civilização e as aventuras militaristas de mongóis, suecos, franceses, alemães, norte-americanos... No passado, a luta pela hegemonia mundial travada pelos Estados Unidos utilizou-se de um antagonismo visceral à ideologia soviética da mesma forma que hoje se utiliza de um antagonismo visceral às políticas soberanas empreendidas pela Rússia de Putin.

No mais, a exploração denunciada por Molotov de países com vastas riquezas naturais, mas marcados por expressivos níveis de pobreza, como nos continentes africano, americano e asiático, continua perfeitamente funcional ao imperialismo capitalista. Recursos são extraídos e povos são reprimidos sob a falsa bandeira de paz, liberdade e prosperidade. Por sua vez, a militarização crescente da Otan e a ascensão de movimentos de extrema-direita na Europa são consequência dos desdobramentos políticos internacionais promovidos pelo Ocidente no pós-Guerra Fria. Ora, o incentivo a uma visão unilateral e enviesada quanto à manutenção do papel hegemônico dos Estados Unidos no mundo reflete um completo desrespeito à diversidade civilizacional e política existente em nosso planeta.

Por fim, o legado da vitória soviética na Grande Guerra Patriótica é, entre outros aspectos, a motivação principal por trás das ações de política doméstica e externa da atual Federação Russa, que, graças a suas riquezas, sua população, seu poderio militar e seus recursos naturais abundantes, precisa novamente se defender das potências imperialistas ocidentais, que tentam a todo custo manter sua hegemonia no mundo.

## Referências

- Chuev, F. I. (Ed.). (1973). *Molotov remembers: Inside Kremlin politics. Conversations with Felix Chuev.* (pp. 227, 418-419). Ivan R. Dee.
- Coates, W. P., & Coates, Z. K. (1941). *A biographical sketch of V. M. Molotov.* Lawrence and Wishart Ltd.
- Molotov, V. M. (1940). *Soviet peace policy: Four speeches by V. Molotov.* Lawrence and Wishart Ltd.
- Molotov, V. M. (1942). *The Molotov notes on German atrocities.* H. M. Stationery Off.
- Molotov, V. M. (1955, jul.). A situação internacional e a política exterior do governo da URSS. *Problemas: Revista Mensal de Cultura Política*, (68). <https://www.marxists.org/portugues/molotov/1955/02/08.htm>
- Molotov, V. M. (2008, 26 ago.). Reaction to the german invasion of 1941. *Historical Resources about the Second World War.* <http://www.historicalresources.org/2008/08/26/molotov-reaction-to-german-invasion-of-1941/>
- Opera Mundi. (2024, 23 de agosto). *85 anos do Pacto Ribbentrop-Molotov, 1939: o polêmico acordo de Stalin com Hitler – Breno Altman* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ca-aGSHO8rg>
- Watson, D. (1996). *Molotov and the Moscow Conference, October 1943.* Centre for Russian and East European Studies, The University of Birmingham.
- Wilson Center Digital Archive (2025). *Vyacheslav Mikhaylovich Molotov.* <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/people/molotov-vyacheslav-mikhaylovich>



**Figura 5.1** – Fotografia recortada do ministro das Relações Exteriores soviético, Vyacheslav Molotov.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



**Figura 5.2** – Stalin gesticula ao seu ministro das Relações Exteriores Molotov em Yalta, Crimeia, Rússia.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



**Figura 5.3** – Deputados da 1ª convocação do Soviete Supremo da URSS (Câmara dos Povos). Na primeira fila [da esquerda pra direita] estão os líderes da União Soviética: Beria, Mikoyan, Andreev, **Molotov**, Kalinin, Voroshilov, Stalin, Kaganovich, Yezhov, Zhdanov.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).

